

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 numeros, 1\$000 réis; 25 numeros, 500 réis.  
 Fora de Aveiro: 50 numeros, 1\$125 réis; 25 numeros,  
 570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 nu-  
 meros, 2\$000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Anuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada  
 linha, 20 réis; anuncios permanentes, preços convencio-  
 nales. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. —  
 Redacção e administração, rua do Espirito Santo, 71.

N.º 392

## Aveiro

### DESASTRADOS!

A minoria da commissão José Estevão, não contente com as palavras e a carta, a que demos publicidade, do sr. Simões d'Almeida, chamou a Aveiro o distinctissimo artista para, á vista da Praça Municipal, dar com mais segurança a sua opinião. Isto veio acabar de provar que a questão da frente da estatua não é senão uma questão de capricho para a minoria da commissão e revelar que os membros d'essa minoria não primam pelo tacto nem pelo bom raciocinio.

Se a questão não é de capricho, se procedem com o sincero desejo de acertar, porque não consultaram a tempo e a horas sobre o caso em discussão os homens competentes, os homens auctorisados? Sabendo que a maioria opinava pela frente da estatua para os Paços do Concelho, porque, se essa circumstancia era ignorada por quem escreve estas linhas e por outros individuos que viviam alheios ao que se passava, não era ignorada ou pelo menos era prevista pela minoria da commissão; sabendo, pois, ou prevendo a opinião da maioria, porque não consultou a minoria o auctor da estatua quando, demais a mais, os que estão ao lado dos que votaram pela frente da estatua para os Paços do Concelho a aconselhavam insistentemente, **insistentemente**, note-se bem, a que o fizesse?

Das duas uma. Ou a minoria estava resolvida a aceitar o voto dos seus collegas, ou não estava. Se estava, formulado esse voto tinha que o acatar e respeitar. Se não estava, e era sincera nas suas opiniões, competia-lhe esgotar todos os recursos, ou para se convencer a si ou para convencer os outros do proprio erro. Assim é que procede quem não tem caprichos, quem tem opi-

niões. Quem tem caprichos faz o que fez a minoria da commissão José Estevão; agarra-se á sua teima, de que faz um culto; levanta-lhe altares, entoa-lhe rezas e, claro é, não consulta ninguem sobre a divindade do seu deus, o Deus Vaidade, porque esse deus não se discute, nem admite duvidas; e como, além de indiscutível e incontestado, é o mais intolerante de todos os deuses, se os impios atiram com o fetiche de pernas para o ar, os fanaticos cerram os punhos n'um grito de desespero e, moralmente ou materialmente, apunham por todos os cantos os destruidores da divindade ridicula.

Assim procedeu a minoria da commissão José Estevão. Tinha caprichos porque, se os não tivesse, procurava antecipadamente todos os meios de se radicar na sua opinião e de vencer os outros do erro em que estavam, ou vice-versa. Tinha caprichos porque, se os não tivera, aceitava vencida, senão convencida, o voto dos seus collegas, como estes fariam, podemos affirmar-l'o, em caso contrario, e como faz toda a gente que vê e pensa alguma coisa n'esta vida. Tinha caprichos porque, se os não tivera, não viria comprometter uma grande festa de liberdade e de civilisação com a propaganda insensata e com os doestos da praça publica contra os seus collegas da maioria.

Pois quê? Admitte-se ou permite-se uma coisa d'estas? O que se fez para ahí não é altamente condemnavel e altamente criminoso?

Todo o mundo sabe quem escreve estas linhas. Ninguem ignora a independencia absoluta com que nós procedemos. Entretanto, não deixaremos ainda de affirmar uma vez que não estamos representando, n'esta justa reprimenda, directa ou indirectamente nenhum membro da maioria da commissão José Estevão. Se estivessemos representando algum d'elles não diriamos uma palavra, que é isso que nos pedem. Mas não. Estamos falando por conta propria, unica e exclusivamente. É por contra propria, e porque nos revoltam as petulancias de

meia duzia d'insignificantes, e sem querermos saber se teremos applausos se teremos vituperios pelo que estamos escrevendo, que nunca nos prendemos com isso, outra vez perguntámos:

«Pois quê? Admitte-se ou permite-se uma coisa d'estas? Onde se viu a minoria d'uma commissão andar a conspirar, n'uma conspiração de improperios e insultos, contra uma maioria que votou como a sua consciencia lh'o disse e como a sua razão lh'o indicou? Haviamos de ser nós, que estamos costumados a repellir tanta insignificancia com a penna que traça estas linhas, que nos haviamos de calar perante as *altas senhorias* que não poupam aos seus collegas diatribes e insultos?»

Nunca. Se não queriam accetar a decisão da maioria, se a consideravam attentatoria de qualquer coisa levantada e grande, tinham aberto o caminho que seguem todos os homens que se prezam. Nunca. Havemos de os castigar como merecem e, n'outra occasião mais opportuna, ainda mais de que o estamos fazendo n'este instante. Nunca. Porque, para ser em tudo isto irregular a conducta da minoria, basta dizer-se que foi até da maioria, que tinha vencido e que não tinha por conseguinte que procurar outros auxilios que não fossem os inherentes ao seu logar na commissão, que partiu a idéa de se consultar o auctor da estatua. Tão sinceramente ella procedeu em todo este negocio.

Mas passemos agora a averiguar que, além de caprichosos, os membros da minoria não primam pelo tacto nem pelo bom raciocinio. Ora vejamos.

Nós publicámos uma carta do sr. Simões d'Almeida e demos curso desenvolvido ás suas opiniões sobre a frente da estatua. Viu-se que o sr. Simões d'Almeida falava sobre informações catholicas e precisas. Para que chamá-lo aqui? Segundo todas as probabilidades, o sr. Simões d'Almeida confirmava a sua primeira opinião. E, sendo assim, era a minoria que se exauctorava solemnemente a si propria. Ao passo que, se elle não viesse,

teria ao menos, para ficar airoosamente vencida, a simples allegação de que não accitava officialmente o parecer do distinctissimo artista. Mas chamou-o officialmente. Mas officialmente o accitou como arbitro. E officialmente, em plena Praça Municipal, o sr. Simões d'Almeida confirmou a sua primeira opinião, repellindo por completo o voto da minoria, e por conseguinte a propaganda insensata e inconvenientissima que esta fez por ahí.

Onde foram parar tantas farofias e tantas competencias! E que zelo, e que patriotismo tão serodio que só depois d'estabelecer dissidencias no seio da commissão e de offender gravemente os seus collegas é que se lembrou de chamar a Aveiro o auctor da estatua, em vez de o chamar quando devia e quando lh'o pediam!

Repetimos: nós não podiamos deixar de castigar tantas irregularidades.

Dizia n'outro dia um garoto, d'esses a quem a minoria da commissão deu ouvidos, d'esses bordadores de papel que se impõem de competencias, sem se lembrarem de que para se ser artista é necessario genio e para se ser critico d'arte, trabalhar, vêr, estudar, um garoto que nem um salpico de tinta nos merece na cara, que a maioria da cidade de Aveiro queria a frente da estatua para a Costeira, porque é essa a rua de maior concorrência e é subindo ou descendo essa rua que se vê melhor o monumento.

O garoto, como já dissémos, não requer que nos detenhâmos com elle, embora um garoto mereça sempre um pontapé. Mas ao menos que o garoto seja ladino. Quando é bronco não merece nada.

Porém, serão essas as opiniões da minoria da commissão José Estevão? São essas, de facto. Todos os seus argumentos se reduzem a isso. E tudo por patriotismo. Parece que a minoria da commissão se propõe regenerar a nossa raça, que supõe abatida e frouxa. E para isso não encontra melhor remedio do que obrigar o publico a comprar tomates na Praça da Hortaliça e da

Fruca voltado... para a estatua de José Estevão. Attendendo á vitalidade do grande tribuno, a minoria da commissão entende que será esse o melhor meio de abraçar o publico no sagrado amor da patria. Ora como quem se chega para ao pé do lume queima-se, a minoria da commissão queimou-se como não podia deixar de ser. O nosso povo não precisa de tanto para ter amor da patria. Louvado Deus que o tem vivo e levantado. E por isso é falso que na sua maioria esteja d'accordo com a minoria da commissão. Isso é que nunca. O povo não está degradado. E viril, é activo e como tal nem precisa de expedientes d'esses, nem quer na sua terra mais porcarias artisticas do que as que tem. Os competentes, os que berram agora contra a collocação da estatua como deve ser, são os mesmos que não tiveram uma palavra contra as porcarias commettidas no largo de S. Sebastião, contra a infamia com que se estragou o largo do Rocio, o melhor que nós tinhamos e contra tantos outros vandalismos e porcarias que para ahí existem. São os mesmos que defenderam as asneiras e borracheiras com que foi construido o quartel de Sá e tantas outras asneiras e borracheiras que por ahí vão.

Não se esqueça o povo d'isto!

Não se esqueça tambem de que esses *competentes* não viram a deselegancia com que está construido o pedestal da estatua, deselegancia que obrigou o auctor d'esta a dar-lhe umas proporções muito pouco em harmonia com as dimensões do Largo Municipal. Peçam esses *competentes* a opinião do auctor da estatua e de todos os criticos que tem auctoridade sobre estas particularidades e ouvirão a resposta. Sim, não attendam, nem accitem a nossa opinião, se a nossa opinião nada vale. Mas já que falam em *competencias*, falem com os competentes e ouvirão o que elles dizem.

Ainda bem que o sr. Simões d'Almeida veio a esta terra chamado pela minoria da commissão. Aqui confirmou todo o nosso parecer e todas as nossas opi-

13

## Folhetim

### ARRHAS POR FORO DE HESPAÑHA

III

#### Um bulhão e uma agulha d'alfalate

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Ayra Gil e, tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braço e o index para o logar onde passava Fernão Vasques. Depois, partiu com a turba-multa que o rodeava, enquanto o petintal o seguia de longe, lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças do tumulto da vespera, encaminhou-se para a alpendrada de S. Domingos.

Trazia vestida uma saia (1) de valencina reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, chapirão de ingres com fita de momperle e cinta de couro, tudo escuro, ao modo popular. Com passos firmes, subiu os degraus do alpendre. D'alli, em pé, com os braços cruzados, correu com os olhos a praça onde entre o povo apinhado se fizera repentino silencio.

«Alcacer, alcacer pela arrayaminda! Alcacer por el-rei D. Fernando de Portugal, se desfizer nosso toato e sua villa, senão!...» Esta exclamação d'um alentado alfageme que estava pegado

(1) Muitos dos trajos civis do seculo decimo quarto eram communs a ambos os sexos ou pelo menos tinham nomes communs, como se pôde vêr na lei de D. Afonso IV acerca dos trajos.

com a balastrada do alpendre foi repetido em grita confusa por milhares de boccas.

De repente, do lado da rua de Gileanes, sentiu-se um tropear de cavaladuras, que parecia correrem á redea solta: todos os olhos se volveram para aquella banda: muitos rostos empallideceram.

Uma voz de terror gyrou pelo meio das turbas.—«São homens d'armas d'el-rei!»—Aquelle oceano de cabeças humanas redemoinhou, a estas palavras, e começou a dividir-se como o mar vermelho diante de Moysés. N'um momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquella superficie movel e escura: era ampla estrada que se abria por entre ella, desde a rua de Gileanes até S. Domingos. As paredes d'essa estrada adelgaçavam-se rapidamente. Para as bandas da Mouraria e da Pedreira, os becos e encurvilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das ascumas populares, que er-

guidas scintillavam ao sol, começaram a descer e a sumir-se, como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernão Vasques olhou em redor de si: estava só. Descórrou, mas ficou imóvel.

Entretanto, o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruido: os bésteiros do concelho, postados ao longo dos paços do almirante, eram, talvez, os unicos em quem o terror não fizera profunda impressão: alguns já haviam estendido sobre o braço da besta os virotes hervados e, revolvendo a polé, faziam encurvar o arco para o tiro. Os bésteiros de garrucha tinham já o dente d'esta embebido na corda, promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nús dos cavalleiros e escudeiros reaes. Do resto do povo, os ousados eram os que recuavam; porque o maior numero voltava as costas e internava-se pelas aziuhagas dos

hortos de Valverde e das vinhas d'Almafalla ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do almirante.

Mas, no meio d'este susto geral, appareceu um heroe. Era Frei Roy. Ou fosse imprudente confiança no cargo occulto que lhe dera D. Leonor, ou fosse robustez d'animo, ou fosse, finalmente, a persuasão de que o habito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua d'onde rompia o ruido e, mirando pela aresta do angulo um breve espaço, voltou-se para o povo e, curvando-se com as mãos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas. Tudo ficou pasmado; mas, vendo e ouvindo o rir descompassado do ichacovros, o povo começou a refluir para a praça.

(Lendas e Narrativas.)

ALEXANDRE HERCULANO.  
(Continúa.)

niões. Aqui repetiu que a esta- tua não tinha outra frente accei- tavel senão a dos Paços do Con- celho.

As estatuas, como já dissê- mos, ficam em geral collocadas no sentido do comprimento das praças. Quaes são as excepções? A excepção poderia ser, no caso presente, ficarem os Paços do Concelho, o Lyceu, a casa onde viveu o grande orador, ou outro qualquer monumento de snbida importancia e que attestasse a grande individualidade extincta do lado da Costeira. Só assim se poderia alterar o preceito artistico estabelecido para a collocação das estatuas. Não se dando esses casos, ou concorrendo todos el- les com o preceito artistico esta- belecido, e estabelecido não em Portugal ou no estrangeiro, mas onde ha senso commum, e para este não existem fronteiras, a ré- gra não admite excepção nenhuma e de nenhum modo pôde ser alterada.

Uma estatua não se admira subindo ou descendo uma rua, nem de casa do Pamporilhas fu- mando cigarros bregeiros, nem do logar da tia Carrancha. Esse argumento é de si tão estúpido e tão ridiculo que basta só por si para qualificar a minoria da comissão e os seus adeptos. Que triste idéa que o sr. Simões d'Almeida levou para Lisboa de cor- tas cabeças da nossa terra! Por- que, sejamos francos mais uma vez, só em Aveiro disparates como os da minoria da comissão José Estevão conseguem fazer ruido e fazer agitação.

Sirva-lhes d'emenda o desas- tre monumental que a sua triste idéa lhes acarretou perante os homens d'arte e de senso com- mum.

Estimaremos não ter que vol- tar ao assumpto. Porque se ti- vermos de voltar, então diremos tudo.

Acabamos de saber d'uma re- voltante patifaria commettida pelo visconde de Cara Feia e Miolo Secco com os artistas aveirenses que constituem a Troupe Dra- matica.

Falaremos detidamente do caso.

FALTA A VERDADE

O Districto de Aveiro, em res- posta ao Campeão, dizia na se- gunda-feira ultima que nós não devemos ser ingratos esquecendo os serviços que o sr. Dias Ferreira tem prestado a esta terra.

Isto, se não é o cumulo da on- sardia, é o cumulo da asneira! O Districto de Aveiro podia perfeita- mente não ter respondido só ao Campeão das Provincias. Podia- mos tambem ter respondido a nós, que dissêmos mais e melhor do que o papel da Vera-Cruz. E se o tivesse feito creia que lh'o agra- deciamos porque andamos com muita vontade de conversar com o collega sobre varias coisas, e principalmente sobre o sr. Dias Ferreira.

De resto, é o proprio Districto que confirma tudo quanto nós dissêmos. E' o proprio Districto que nos vem dizer que a situação do sr. Dias Ferreira no parlamen- to como deputado d'esta terra é uma vergonha para nós. E' o pro- prio Districto que confessa que o sr. Dias Ferreira representa uma humilhação para Aveiro. E' o pro- prio Districto a afirmar que é um dever de honra repellir essa infamante humilhação, não se tor- nando a eleger o sr. Dias Ferrei- ra deputado por Aveiro. Porque «ha finezas que não se olvidam, e, se a gratidão deve ser o prin- cipal caracteristico do homem, nós não podemos nem devemos ser indifferentes aos serviços que nos tem prestado o sr. Dias Ferrei- ra.» Quer dizer o articulista do Districto: «O sr. Dias Ferreira é o nosso patrão. Nós somos humi-

lissimos creados de s. ex.ª Por conseguinte, quando s. ex.ª se digna, uma vez ou outra, lembrar-se d'esta terra, nós devemos logo correr de chapéosinho na mão a agradecer os cuidados de s. ex.ª Porque não somos nós que hon- ramos s. ex.ª elegendo-o nosso representante em côrtes. E' s. ex.ª que nos honra acceitando o nos- so mandato. Porque s. ex.ª, n'essa condicção, não tem que nos dar satisfações. Se fala em nós, se pensa em nós, é por favor. Se não fala, nem pensa, não temos que lhe pedir coisa nenhuma. Se fala pouco e pensa pouco, pedir-lhe mais é impertinencia, censura-lo é ingratidão. Elle é o senhor, nós somos os servos. Viva o nosso senhor por muitos annos e bons!»

Outra vez o dizemos: — isto, se não é o cumulo da onsdaria ou da insolencia para esta terra, é o cumulo da asneira. O articulista que escolha. Que nós, para ter- minar por hoje, dir-lhe-hemos o seguinte:

O sr. Dias Ferreira não infligiu tal nenhuma lição dura ao sr. Barboza de Magalhães por oc- casião de ser arbitrariamente dis- solvida a meza da Santa Casa da Misericordia. O sr. Dias Ferreira tratou frouxamente essa questão, tão frouxamente como trata tudo que diz respeito a esta terra.

O sr. Dias Ferreira apresentou, é certo, as representações do po- vo de Aveiro em camaras contra as irmãs da caridade. Mas fê-lo sem uma palavra energica a favor das reclamações dos seus eleito- res. Fê-lo por descargo de consciencia, e quasi que pedindo desculpa do acto que estava praticando. Se então o não quizemos declarar n'este semanario para não comprometter a causa que estavamos defendendo, antes nos vimos obrigados pelas circum- stancias a dizer ainda duas pala- vras amaveis a s. ex.ª, entende- mos ser hoje um dever expôr o facto nû e crû e censurar a fra- queza do sr. Dias Ferreira, fra- queza que indignou todos os avei- renses que das galerias da camara dos deputados o estavam ou- vindo n'essa occasião.

Mais. S. ex.ª não influiu em coisa nenhuma para que viesse para Aveiro o regimento de cavallaria 10. Muito antes de s. ex.ª falar n'isso e independente de todas as reclamações d'esta terra, já no ministerio da guerra se ti- nha designado Aveiro para sede de um regimento de cavallaria. Tanto que quando ninguem sabia nem pensava ainda que viria para Aveiro um regimento de cavalla- ria, quando toda a gente tinha esperanças unicamente d'um re- gimento d'infanteria, declarava o Povo de Aveiro que no caso de ser collocado em Coimbra um re- gimento de infantaria, o que não estava por emquanto assente, viria para aqui com toda a certeza um regimento de cavallaria.

Que Aveiro foi escolhida para sede d'um regimento unicamente pelas suas condições topographi- cas e não por influencias de nin- guem poderiamos nós, emfim, prová-lo em ultimo caso pelo tes- temunho insuspeito d'um alto e distinctissimo funcionario do ministerio da guerra que presi- diu no tempo de Fontes a todos os assumptos e resoluções d'es- sa natureza.

Diremos mais. Na questão do bronze da estatua tambem o sr. Dias Ferreira não teve que em- pregar a sua influencia, já por- que todo o mundo sabe que não ha grandes difficuldades em obter dos governos concessões d'essas, antes os governos são promptos em ceder quando se trata de mo- numentos nacionaes, principal- mente em honra de vultos como José Estevão, já porque não foi o sr. Dias Ferreira quem mais fez e trabalhou n'esse sentido.

Por ultimo, ainda diremos que não ha comparação nenhuma en- tre a conducta do sr. Dias Ferrei- ra e a do sr. Consiglieri Pedroso. O sr. Consiglieri Pedroso não é deputado por este circulo, não é d'esta terra, nunca teve

aqui relações e, apesar d'isso, com uma insistencia digna dos maiores elogios, com uma tenaci- dade acima de todos os louvores, com uma nobilissima dedicacão, tem procurado liquidar na cama- ra as tristes responsabilidades do sr. ministro do reino e tem casti- gado sempre as infamias dos fir- minos. Se os aveirenses tem voz no parlamento, devem-no a s. ex.ª O sr. Dias Ferreira, que é depu- tado por Aveiro ha vinte annos, que tem aqui parentes, que ca- sou n'este districto, que mantem relações com innumeradas pessoas d'estes sitios, não só não veio aos nossos comicios quando o convidavam, não só não levanto- u no parlamento as questões de Aveiro, como fugia vergonho- samente da camara quando o sr. Pedroso ia pedir explicações de todas as infamias commetti- das entre nós.

Se o articulista do Districto de Aveiro deve favores ao sr. Dias Ferreira, pague-lh'os com a sua pessoa. Que a cidade de Aveiro não deve nada ao seu soi disant representante e não deixará de repellir nas proximas eleições co- mo uma affronta, um vilipendio, um ultrage que é a todos nós.

E voltaremos ao assumpto, que muito sabemos e tudo dire- mos.

E' julgado no dia 26 o assassino Manuel Marques de Moura. Ha testemunhas que depozeram ao principio d'um modo e que vão agora depôr d'outro.

Esperamos que o sr. delegado do procurador régio preste a sua attenção a esse caso e castigue os farçantes como elles o mere- cem.

Veremos e fallaremos.

ASSOCIAÇÃO AVEIRENSE

CÓPIA DE PARTE DA ACTA DA SESSÃO DE 18 DE MAIO DE 1889

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos oitenta e nove, aos deztois de maio, n'esta cidade de Aveiro e secretaria da Associa- ção Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, achando-se reunidos os membros da direcção Moita, Gamellas, Costa, Ferreira, Ferreira da Costa e Baptista dos Santos, depois de pelo vogal Moita ser declarado que por officio n.º 38, de 16 do corrente, do vice- presidente, servindo de presidente, fôra convidado a presidir hoje a esta sessão, por elle se achar doente, o mesmo vogal declarou aberta a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

Tambem foram presentes as respos- tas de tres dos cavalheiros, a quem, na conformidade da deliberação de 11 de agosto ultimo, se dirigiram cartas solici- tando as suas respostas aos convites para socios benemeritos. Foram ellas dos ex.ªs e rev.ªs srs. padre Francisco da Costa Junior, que declara contri- buir com a quota annual de 23000 réis, enquanto lhe fôr possível; bispo de Bragança, que remette o donativo de 93000 réis por uma só vez, vista a ex- traordinaria pobreza da sua diocese, a que frequentemente tem de dar soccorro, na proporção das suas forças; e do ex.ª sr. Francisco Manuel Gouveiro da Costa, que declara não querer inscrever-se com qualquer quantia em prazo certo para se evitar o desgosto de, por motivos economicos ponderosos e outras cir- cumstancias, não poder em alguma oc- casião satisfazer os seus compromissos, sendo-lhe todavia muito agradável poder concorrer com o seu possível con- tingente em subscripção extraordinaria, a que esta associação tenha de recorrer. Egalemente foi apresentada uma carta, vinda do Pará, com data de 17 d'abril, dirigida pelo ex.ª sr. Ignacio Marques da Cunha á direcção, em resposta ao pedido que pelo vice-presidente, servin- do de presidente, lhe havia sido feito para soccorrer a associação.

Com ella remette uma lista dos cava- lheiros, que na cidade de Belem, do Gran-Pará, se dignaram inscrever, sendo a totalidade da subscripção 4113000 réis, fraços, que ao cambio de 195 p. c. prezefaz a somma de 2105700 réis, for- tos. Declara que d'esta quantia é portador o ex.ª sr. Joaquim Nunes da Silva, de Cacia, que se dirige a esta cidade. E, como se trata de donativos, disse o presidente que entendia do seu dever dar conhecimento á direcção de que, em 24 de abril findo, entrara no cofre d'esta associação a quantia de 43000 réis, do- nativo feito pelo ill.ª ex.ª e rev.ª sr. sr. bispo-conde de Coimbra, por inter- medio do rev.ª conego arcepyeste José Candido Gomes de Oliveira Vidal,

sendo o mesmo donativo igual á quan- tia que inconvenientemente lhe exigiu um tal Henrique da Cunha, por uns 49 exemplares d'um opusculo, que s. ex.ª rev.ª lhe não pediu, nem acceitou.

A direcção, confessando-se muito grata, em nome da associação que re- presenta, não só a estes cavalheiros, mas a todos os que se tem dignado prestar o seu valioso auxilio a este gremio, deliberou que, extrahindo-se copia d'esta parte da acta e, juntando-se-lhe uma lista tanto dos cavalheiros que ho- je são socios benemeritos d'esta asso- ciação, como dos que na cidade de Be- lem subscreveram para ella, fosse tudo publicado nos jornaes da localidade, com o fim de a todos dar a direcção um publico testimonio do seu profundo re- conhecimento.

E nada mais havendo a tratar se en- cerrou a presente sessão, de que se la- vrou esta acta, que todos vão assignar, lida por mim, secretario, que a subscre- vi e assigno.—Antonio Baptista dos San- tos.—Fazendo as vezes de presidente, o vogal Francisco d'Assis Pacheco Moita.—O thesoureiro, Joaquim Ferreira da Costa.—Miguel dos Santos Gamellas.—Francisco da Costa.—João Pedro Ferrei- ra.—O secretario, Antonio Baptista dos Santos.

Actuales socios benemeritos da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas:—Ill.ªs e ex.ªs srs. conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza, Antonio Pereira Junior, conego arcepyeste José Candido Gomes de Oliveira Vidal, dr. Alexandre José da Foun- seca, D. José, arcebispo de Evora; medico Manuel Pereira da Cruz, Antonio Maria Ferreira, bispo-conde de Coim- bra, par do reino Casimiro Barreto Fer- raz Sacchetti, Francisco Elias dos San- tos Gamellas, Gustavo Ferreira Pinto Basto, Guilherme Augusto Taveira, ge- neral Antonio Ferreira Quarosma, padre Francisco da Costa Junior, D. José, bis- po de Bragança.

Subscripção feita na cidade de Belem, do Gran-Pará, em abril de 1889, em fa- vor da sociedade beneficente Monte-pio, da cidade de Aveiro, do reino de Por- tugal:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like Ignacio Marques da Cunha... 50000, Manuel Rodrigues Caetano... 50000, Joaquim Nunes da Silva... 50000, etc.

S. E. ou O.—Réis..... 4113000

Pará, 15 de abril de 1889. Está conforme.—Aveiro, 18 de maio de 1889.—O secretario da direcção, An- tonio Baptista dos Santos.

Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Está marcado o dia 2 do pro- ximo mez de julho, pelas 9 horas da manhã, para se proceder á eleição da meza da Santa Casa da Misericordia de Aveiro.

O sr. Bento da França, digno commandante de cavallaria 10, pediu auctorisação ao ministerio da guerra para effectuar uma marcha de velocidade com o seu regimento, de Aveiro a Coimbra. Acompanhal-o-hão os officiaes de cavallaria 4.

Parece que a marcha se reali- sará no principio do proximo mez.

Perante a camara de Alberga- ria, está aberto concurso por es- paço de trinta dias, para provi- mento da cadeia de ensino ele- mentar do sexo feminino da fre- guezia da Branca. O ordenado é de 1003000 réis annuaes e respec- tivas gratificações.

Pede-se ao sr. commissario de policia que dê as necessarias providencias para que a Praça do Peixe não continue a ser de- posito de quantas imundicies ha.

Approximam-se os mezes de maior calor e a hygiene pôde soff- rer com isso consequencias des- agradaveis.

O sr. Francisco Antonio de Mattos, conhecido escriptor, vai encetar a publicação de um Dic- cionario Chorographico de Portu- gal (parte continental e insular), o qual conterá a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e con- celhos, designando todas as cida- des, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distan- cias das freguezias ás sedes dos concelhos, e comprehendendo a indicação das estações do cami- nho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emi- são de vales do correio, de en- commendas postaes, repartições com que as diferentes estações permutam malas, etc., etc.

E' uma publicação de grande utilidade, como se vê, que será dividida em fasciculos de 32 pa- ginas, em 8.º francez, bom papel e impressão nitida, pelo modico preço de 60 réis cada um.

O Diccionario formará um só volume, cujo preço não excederá a 15400 réis.

Acceitam-se assignaturas na travessa de S. Domingos, 39, 2.º —Lisboa.

Estão em Coimbra os tres ne- gros bemoes, que ha tempo ahi se fizeram ouvir no theatro Avei- renses.

Tem agradado bastante.

Dizem de Lisboa que se tem aggravado consideravelmente os padecimentos do rei, a ponto de os seus medicos suspeitarem que os esforços da sciencia sejam im- potentes para deter a marcha da doença que vaé fazendo cada vez maiores estragos.

Falleceu em Araraquara (Bra- zil) o portuguez Manuel Maria Guedes, natural de Mira, distri- cto de Coimbra, onde tem mul- her e filhos.

O espolio do fallecido consta de duas casas avaliadas em 3:000\$000, moeda brazileira, e mais 702\$500 réis producto da venda de alguns generos.

Conta uma folha de Genova que ha poucos dias chegou áquel- le porto o vapor Eleazar, vindo dos portos do Oriente. Ao ser examinada a machina, encontrou- se dentro do tunnel da helice um esqueleto humano. A surpresa de tal achado foi extraordinaria. Porque motivo estava alli aquelle esqueleto?

As roupas que o cobriam esta- vam totalmente esfrangalhadas, e nos bolsos existiam diversos papeis, pelos quaes se concluiu que se tratava de um caso perfei- tamente anomalo.

Averiguou-se que o esqueleto pertencia a um grego, Freig Quei- ropondas, que, accusado de um assassinio em Constantinopla, se refugiou na sentina do Eleazar,



## Caixa Economica Portugueza

### SOB A GARANTIA DO ESTADO

**POR** intermedio da sua repartição em Lisboa e por intermedio das suas delegações nos cofres centraes dos districtos do continente recebe depositos a ordem, cujo minimo seja 100 réis e cujo maximo seja 500.000 réis em cada anno economico, podendo o saldo de cada conta corrente elevar-se em annos successivos a 1.500.000 réis, abonando-se o juro de 3 p. c. ao anno com capitalização semestral.

Na repartição da Caixa Economica Portugueza e nas suas delegações nas provincias se prestam quaesquer informações que verbalmente, ou por escripto, lhe sejam pedidas.

# LOTERIAS

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, com casa de cambio na RUA DO ARSENAL, 56 A 64, LISBOA, e filial no PORTO, FEIRA DE S. BENTO, 33 A 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

SATISFAZ todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

ENVIA em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

OS COMMERCIAENTES que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' NEGOCIO EM QUE HA TUDO A GANHAR E NADA A PERDER!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8.000.000**.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartos a 1200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 410, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, tem de tirar uma licença que nas provincias é de 12500 ré. por anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista **ANTONIO IGNACIO DA FONSECA** promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao **CAMBISTA**

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**  
56 — RUA DO ARSENAL — 64  
LISBOA

## REMEDIOS DE AYER

**Peitoral de cereja de Ayer** — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de salsaparilha de Ayer** — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra as sezões** — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer** — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



**VIGOR DO CABELLO DE AYER** — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

## Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores da cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis. Os representantes **JAMES CASSELS & C.**, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

**Perfeito Desinfectante e Purificante de JEVES** para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metais; e curar feridas. Vende-se nas principaes farmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

## Os vicios de Lisboa

### O CATHECISMO DO ADULTERIO

#### DE

#### RAMIRO ACACIO

Contos arreglados, imitados e originaes, offercidos ao sexo forte e prohibidos ao sexo fraco. Illustrados com 24 gravuras francezas e impressos em excellent papel, com capa a cores. — 2 volumes 600 réis.

#### Titulos dos capitulos

1.º volume: — Antes de começar; O armario; Em flagrante; Um explorador; O mata borrão; A mascote do cabelleiro; O mata família; O Primo Armando; Marido por interesse; Fazendo Avenida. 2.º volume: — Um marido condescendente; Duas amigas; Um advogado infeliz; Depois do chá; Uma para tres; Efectos da pesca; Um substituto effectivo; O cocheiro da senhora; Amante e amiga; Amor... na estufa; Experiencias telephonicas; Um bom paladar; Um marido que não serve.

A obra está completa e só se recebem assignaturas para os dois volumes de que ella se compõe. — Será enviada franco de porte a quem enviar á Empresa 600 réis.

### As Mulheres dos Amigos

Romance do mesmo genero, tambem completo, 2 volumes 600 réis. Do mesmo modo se enviará franco de porte a quem enviar aquella quantia á

EMPRESA NOITES ROMANTICAS  
Rua da Atalaya, 18, 1.º  
LISBOA

### Historia do Municipalismo em Portugal

ESTÃO publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defesa da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram neste trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importancia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archivos, alguns dos quaes vem a luz publica pela primeira vez.

O preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 12500 réis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na sáde da *Bibliotheca Historico-Portugueza*, Lisboa, rua de S. Bento, 260, onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilizar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas.

A obra depois de publicada augmentará de preço.

### O Recreio

Revista semanal litteraria e charadistica

Está em publicação a 7.ª série, formando cada série um grosso volume completamente independente.

Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 réis.

Provincias: cada trimestre (13 numeros), 300 réis. Semestre (26 numeros), 580 réis. Para a provincia o pagamento é adiantado.

Consideram-se como correspondentes as pessoas que se responsabilizarem por qualquer numero de assignaturas.

A comissão aos srs. correspondentes é de 20 p. c. e toda a pessoa que obtiver 10 assignaturas realisaveis tem direito a 1 exemplar gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor João Romano Torres, rua Nova de S. Mamede 26 — Lisboa.

### Officio de defunctos,

Com a Missa dos Anjos, e as Antiphonas e Responsorios que se cantam na cidade do Porto. — (Com o respectivo Cantochão).

Sexta edição, revista e emendada pelo presbytero J. C. M. P.

UM vol. brochado, 500 réis; encadernado, 700 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20 — Porto.

BELEM & C.ª  
Empresa editora — Serões Romanticos — Cruz de Pau, Lisboa

## MYSTERIOS DAS GALÉS

Ultimo e o melhor romance de JULES BOULABERT

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

Edição ornada com magnificas GRAVURAS e excellentes CHROMOS a finissimas cores

Brinde a todos os assignantes no fim da obra — UM ALBUM DE COIMBRA.

BRINDE EM OURO — 100.000 réis em tres premios da loteria de Madrid que a empresa fixar, para o que cada assignante receberá opportunamente uma cautella com cinco numeros.

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folhas de 8 paginas, 10 réis.

Sahirá em cadernetas semanacs de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias e á custa da empresa.

Cada volume brochado 450 réis.

EDIÇÃO MONUMENTAL

## Historia da Revolução Portugueza de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 36 fasciculos d'esta obra e o 2.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.ª, successores de CLAVEL & C.ª — 119, rua de Almada, 123, Porto.

## MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

## Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

## MEDALHA DE OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sabido sempre victoriosa, em vista da SOLIDA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO das suas machinas de costura.

A prestações de 500 réis semanacs e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — 79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

AGENCIA ECONOMICA,  MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

Pará, Maranhão, Ceará, Manaus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul

Passagens a **9.000 RÉIS** para o Rio de Janeiro e Minas Geraes

Dão-se passagens GRATUITAS a familias completas de trabalhadores de campo, que queiram ir para diferentes provincias do BRAZIL, indo completamente livres.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com MANUEL JOSÉ SOARES DOS REIS.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos

Typ. do "Povo de Aveiro,"